

# MEMÓRIAS

## ANTOLOGIA DE CONTOS

ANNA CARVALHO  
BENILDE SANTOS GAIÃO  
CARLOS ALELUIA  
DULCINEIA DIAS  
INÊS TOSCANO  
JOÃO PORFÍRIO  
LENA C. MATIAS  
MELANIE ANTUNES  
NUNO GONÇALVES  
NUNO VILARÉ  
PATRÍCIA LAMEIDA  
RITA TOSCANO CORRÊA



**Editorial Divergência**

Setembro de 2025

# FICHA TÉCNICA

**Título:** Memórias - Antologia de Contos

**Autores:** Anna Carvalho, Benilde Santos Gaião, Carlos Aleluia, Dulcineia Dias, Inês Toscano, João Porfírio, Lena C. Matias, Melanie Antunes, Nuno Gonçalves, Nuno Vilaré, Patrícia Lameida, Rita Toscano Corrêa

**Coordenação editorial:** Arlete Gomes

**Edição:** Arlete Gomes

**Revisão:** Arlete Gomes

**Artista de capa:** João Rodrigo Carvalho

**Composição:** João Rodrigo Carvalho e João Bento

**ISBN:** 978-989-9306-85-1

**Este livro foi composto pelos tipos:**

Palatino Linotype, Gondola SD

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Anna Carvalho, Benilde Santos Gaião, Carlos Aleluia, Dulcineia Dias, Inês Toscano, João Porfírio, Lena C. Matias, Melanie Antunes, Nuno Gonçalves, Nuno Vilaré, Patrícia Lameida, Rita Toscano Corrêa

©2025 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

## **Grupo Editorial Divergência**

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

**Website:** <https://divergencia.pt/>

**E-mail:** [geral@divergencia.pt](mailto:geral@divergencia.pt)

**Telefone:** 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



**Financiado pela  
União Europeia  
NextGenerationEU**

# ÍNDICE

O ÚLTIMO ADEUS ANNA CARVALHO . . . . .	11
<i>DAMNATIO MEMORIAE</i> . A CONDENAÇÃO DA MEMÓRIA BENILDE SANTOS GAIÃO . . . . .	19
FLAGELO DE UM FANTASMA PASSADO CARLOS ALELUIA . . . . .	31
REENCONTROS DE MEMÓRIAS DULCINEIA DIAS . . . . .	43
NO UMBRAL INÊS TOSCANO . . . . .	53
REFORMA DOS SENTIDOS JOÃO PORFÍRIO . . . . .	59
CLUEDO LENA C. MATIAS . . . . .	67
A CEIFA MELANIE ANTUNES . . . . .	83
MUSEU DO OPRÓBRIO NUNO GONÇALVES . . . . .	97
AS MEMÓRIAS QUE FICARAM NUNO VILARÉ . . . . .	105
537 PATRÍCIA LAMEIDA . . . . .	111
HUMANOS RITA TOSCANO CORRÊA . . . . .	131

# NÃO ERA CAPAZ DE AFASTAR AS MEMÓRIAS<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Tema do primeiro concurso literário Divergência X Origincon, que deu origem aos contos desta antologia

Atriz e realizadora premiada, com carreira iniciada em Portugal e desenvolvida entre a Europa e os EUA. Mestre em Artes Performativas e licenciada em Ciências da Comunicação – Audiovisuais, trabalhou com realizadores e encenadores de renome e é autora de várias curtas-metragens e peças de teatro. Para além do cinema, tem experiência em jornalismo cultural e dedica-se pontualmente à escrita criativa, da qual nasceu o conto agora publicado.

**ANNA CARVALHO**

# O ÚLTIMO ADEUS

Anna Carvalho

Dizem que o tempo apaga as dores do passado, mas, na verdade, quanto mais fugimos dele, mais carregamos na pele o peso das lembranças. Até fazermos as pazes com os fantasmas do passado, nunca seremos verdadeiramente livres. Assim era a vida de Laura, até ao dia em que recebeu uma carta do advogado do seu padrasto, Manuel, informando que este havia falecido e lhe deixara a casa de campo.

Faziam quinze anos desde a última vez que Laura visitara a casa de campo da família, um lugar onde passara grande parte da sua infância com os seus dois irmãos, Eva e Pedro, onde guardava os melhores e os piores momentos da sua vida, um local que há muito tentara esquecer e que agora era seu.

Laura nunca tivera uma boa relação com o padrasto, e a última vez que se encontraram foi no funeral da mãe, fazia naquele dia cinco anos. Manuel sabia o quanto Laura era assombrada pelas memórias do passado. Sabia que tinha sido naquela casa que tudo mudara na sua vida, no dia em que o vestido ardeu.

Laura perdeu o pai biológico quando tinha apenas cinco anos, e Manuel entrou na sua vida quando ela tinha nove. Apesar de ter uma vida estável e bem-sucedida como empresário, Manuel era fascinado pelo jogo, pelas mulheres e foi, mais tarde, pela bebida. Tudo piorou no dia em que Eva morreu num incêndio na casa de campo. Nesse dia, Manuel conseguiu salvar Laura das chamas infernais, mas já não chegou a tempo de salvar Eva.

Depois desse dia, tudo mudou para pior. Para além da culpa por ter sobrevivido enquanto a irmã tinha morrido, Laura sentia o peso da infelicidade e do choro silencioso que consumiam a sua mãe, Glória. Quando Manuel estava em casa, ouvia os gritos e as discussões constantes entre os dois, seguidas de reconciliações que nunca conseguiu compreender. O irmão, por outro lado, mantinha uma indiferença quase cruel perante toda aquela situação.

Assim que atingiu a maioridade, Laura saiu de casa e jurou nunca mais voltar.

Passaram-se meses até que Laura reunisse coragem para regressar à casa de campo. Durante esse tempo, não foi capaz de afastar as memórias que a assombravam.

Quando estacionou o carro, respirou fundo e olhou para a fachada da casa. Por breves instantes, fragmentos de memórias invadiram a sua mente — ela e Eva a correr pelos arcos da entrada, os risos da mãe ao vê-las brincar. Mesmo vazia e silenciosa, a casa parecia ganhar vida com os ecos do passado.

Laura permaneceu no carro durante duas horas, perdida em recordações de um mundo que há muito deixara de ser seu. Foi então que uma voz, ao longe, interrompeu os seus pensamentos:

— Laura!

Por um instante, pensou ter ouvido um fantasma, mas logo se recompôs. Saiu do carro e caminhou, hesitante, até à entrada. Ao abrir a porta, foi imediatamente invadida por

um sopro de angústia. Lá dentro, o ar era denso, como se carregasse o peso de segredos antigos.

Parou no hall da entrada e, mais uma vez, respirou fundo, numa tentativa de vencer o medo que como que lhe apertava o peito a cada passo que dava.

Cada canto por onde Laura passava parecia ter vida própria. As paredes, o chão, tudo parecia observá-la, como se a casa tivesse esperado por ela durante todos aqueles anos. Ao passar os dedos por um pilar, sentiu a textura fria e áspera da madeira. Depois, levou a mão ao nariz, inalando o cheiro que ficara impregnado na sua pele – um cheiro familiar, mas, ao mesmo tempo, estranho. Fechou os olhos, como se quisesse guardar aquele instante, como se assim pudesse viajar no tempo e encontrar a paz há muito perdida.

De repente, a voz rompeu o silêncio, de novo:

— Laura... Laura...

Assustada, abriu os olhos. O coração disparou. Era a voz de Eva. Mas como podia ser? Tentou afastar a ideia, convencendo-se de que tudo não passava de um truque da sua imaginação. Respirou fundo e seguiu até à sala, onde um velho sofá, o único objeto deixado para trás, repousava como uma ilha deserta no meio de um oceano de poeira.

Laura sorriu. O sofá trouxe-lhe à memória as tardes preguiçosas e os risos partilhados com a mãe e os irmãos. Sentou-se e passou as mãos pela superfície gasta e empoeirada do sofá. Num impulso, deitou-se. Queria ficar ali para sempre, presa àquele tempo de felicidade do qual tinha tantas saudades.

— Laura! Laura! — A voz ecoou novamente.

Numa mistura de medo e descrença, Laura sentou-se lentamente no sofá, como se cada movimento pudesse quebrar o frágil equilíbrio da sua sanidade.

— O fogo! O fogo! — insistiu a voz de Eva, com uma voz carregada de desespero.

— Tu não existes! Não és real! — gritou Laura, tentando conter o pânico que crescia dentro de si.

Benilde Gaião nasceu em 1979 e, todavia, reside no mesmo Alentejo que lhe foi berço.

Professora de inglês, procura transmitir nessa língua estrangeira (entre outras coisas) a ideia de que apenas o Amor é universal. Intrínseca à docência terá surgido a escrita: criação, partilha e sobretudo a crença de que as palavras têm o dom de esbater fronteiras entre o *eu* e o *outro*.

Publicou o conto “A Dose faz o Veneno” na antologia *In/Sanidade* (Edições Trebaruna).

**BENILDE SANTOS GAIÃO**

# *DAMNATIO MEMORIAE,* A CONDENACÃO DA MEMÓRIA

Benilde Santos Gaião

— Ora bem! Muito me engano ou temos aqui uma pequena ladra! — escarneceu o homem forte e entroncado, enquanto revelava uma dentição amarelada e curva, que fazia lembrar a de alguns peixes que jaziam nas bancas do mercado.

Perante a visão opulenta, a criança estremeceu.

— Desculpe... foi sem intenção... — sussurrou, empalidecendo.

— Oh, não, não! Calma, não te queria assustar. Estás entre amigos... então não sabes quem eu sou? — perguntou sorrindo, sem disfarçar a soberba.

— Não, senhor... — respondeu a menina amedrontada, enquanto fechava a mão, comprimindo com força algo que surripiara da mesa da cozinha.

— Não sabes?! — admirou-se o homem que envergava uma batina negra até aos pés, típica dos jesuítas. — És nova aqui nas Trinas, verdade? Sou o padre Afonso. E tu, querida, qual é a tua graça?

— Sarah...

— Sarah... — repetiu o pároco, mastigando o nome —, e és muito gulosa...adivinhei?

A menina corou.

— Então já temos algo em comum! Eu também sou muito, muito guloso! — O sacerdote riu, ironicamente, sem desviar o olhar incisivo do ligeiro subir e descer daqueles seios pequeninos, que timidamente desabrochavam por debaixo do uniforme. — Este será um segredo só nosso, por isso não podemos falar aqui no corredor. Se nos ouvem, descubrem o que fizeste e não queremos que isso aconteça, pois não?

Sarah abanou a cabeça e disse a medo:

— Desculpe, senhor padre. Eu devolvo...

O jesuíta fingiu não ouvir e agarrou-a com força pelo braço.

— Chiu! Vamos ao meu gabinete! Anda! — ordenou com uma voz baixa e ríspida, despida da simpatia inicial.

Sarah fitou-o com terror. *Corre, fuge*, gritava a sua mente, tentando raciocinar rápido, enquanto o coração batia ainda mais acelerado. *Para onde?* — pensou, mas logo se lembrou da prisão labiríntica onde estava. Resignada, pregou os olhos no chão e seguiu o padre na penumbra do corredor.

*Não!!!Não vás! Corre!* Sacudida pelo susto, Helena, aos poucos voltou a si. Nunca tivera um pesadelo tão horrível. Aliviada por ter despertado, olhou para o relógio que marcava as seis horas e doze minutos. Desligou-o e levantou-se, pois sabia que já não conseguiria voltar a adormecer. Acendeu o candeeiro da mesa de cabeceira e estremunhada pareceu-lhe ver no chão uma nódoa que se movia veloz e agilmente, como se fosse uma barata ou outro rastejante. Olhou para debaixo da cama: nada!

Oriunda do Alentejo, Helena mudara-se para a capital recentemente. Ali cursava um mestrado em arquitetura, paixão que há uns anos se vira forçada a abandonar devido

a dificuldades económicas. Entretanto, estas foram superadas graças ao altruísmo do padre António de quem, embora só tivesse conhecido pessoalmente no velório da sua mãe, desde criança ouvia falar.

Após enviuar, a tia Lídia, irmã da mãe, começara a trabalhar como governanta na casa do pároco, tratando-o sempre por “senhor padre” e com a devida deferência, procurando assim aparentar um distanciamento que todos sabiam ser posição. Desde que se lembra, Helena sempre ouviu comentários maliciosos a esse respeito, vindos das pessoas da aldeia e até da própria mãe. Um dia, sem se recordar quando ou porquê, houve uma grande discussão entre as irmãs e desde então nunca mais se falaram.

Porém, a morte trouxe as tréguas. Como se tivessem vivido sempre uma relação de comunhão fraterna, a tia surgiu pesarosa no velório acompanhada pelo padre e assim que se encontrou diante da sobrinha, abraçou-a, desatando num grande pranto. Nos dias que se seguiram mostrou-se disponível para a apoiar em tudo e quando soube que a jovem tinha abandonado os estudos, arranjou logo uma solução.

— Resolve-se já filha! Não te apoquentes mais. A irmã do senhor padre tem um apartamento em Lisboa. Fica vago no final do mês, podes ir para lá... olha que é muito pequenino, mas...

— A sério, tia?! — interrompeu a jovem emocionada. — Oh, obrigada!

Para Helena, aquele alojamento, mais que um empréstimo, era uma dádiva, a única possibilidade de concretizar o seu maior sonho, portanto estava na hora de deixar para trás intrigas tolas e aceitar a generosidade da tia e do senhor padre, quiçá nascida da mágoa ou de algum remorso.

Esses eram sentimentos que não lhe eram estranhos. Reconhecera-os pairando no ar quando, uns dias antes, já na capital, deambulava pelo Cemitério dos Prazeres. Uma autêntica cidade, onde as ruas, becos, pátios e rotundas são galerias de

um autêntico museu de *Art Nouveau*, com as obras dos maiores mestres: Teixeira Lopes, Simões de Almeida, Luigi Manini... E ali, como em qualquer outra urbe ou sociedade, era óbvia através da localização geográfica e da sumptuosidade ornamental, a distinção social patente na grandeza da homenagem, fosse esta ditada pela saudade, pelo amor ou pela culpa. A cada passo lento que dava, Helena ia admirando a estética dos azulejos românticos, combinados com as frases poéticas dos epitáfios e, a partir destes, a sua mente solitária ia construindo narrações efabuladas de memórias e sentimentos que, tal como as flores ali depositadas, iam fenecendo e murchando.

Foi num desses cruzamentos que encontrou uma bolsa de pano cru, daquelas que se fecham puxando um cordão. Tinha o tamanho de uma folha de papel e um aspeto coçado que lhe dava um ar antigo, mas limpo. Helena aproximou-se. A bolsa estava a abarrotar de amêndoas com casca. Certamente alguém se teria esquecido ali dela, deduziu. *Mas quem é que traz amêndoas para um cemitério?! Que absurdo!* Pensou enquanto se baixou para a apanhar. Nela estavam bordadas as iniciais S.M.

Olhou com vagar e atenção em todas as direções e nada, nem viva alma! O cemitério estaria quase a fechar, por isso decidiu levar a bolsa na mão, quase ostensivamente, no caso de, ao caminhar até à saída, se cruzar com quem a pudesse ter ali esquecido. Tal não aconteceu, por isso levou-a consigo.

Na noite do terrível pesadelo, Helena tinha comido algumas amêndoas. *Isto há com cada uma!*, exclamou para si mesma, enquanto, ainda um pouco estremunhada, preparava o pequeno-almoço, *que noite tão mal dormida e que raio de coincidência! Se conto isto a alguém vão dizer que...* então lembrou-se do rastejante que parecia deslizar agilmente no chão do quarto. Com uma vassoura, foi até lá e varreu debaixo da cama. O que encontrou deixou-a boquiaberta.

— Como é possível?! — sussurrou perplexa, ao perceber que o que vira resvalar no chão era uma casca de amêndoa!

Apanhou-a e, segurando-a entre os dedos, examinou-a minuciosamente como se ali estivesse a explicação racional para o estranho sucedido. Com mais espanto ainda, viu que uma das extremidades parecia humedecida, como se tivesse um pouco de saliva. Pegou nela e atirou-a com determinação para o caixote do lixo. Não se deixaria afetar por contratempos nem se perder em trivialidades.

O corpo exausto pelo corre-corre citadino e o recente falecimento da mãe seriam certamente as causas daquele desgaste que a estaria a tornar mais volátil. Bem sabia que o facto de poder prosseguir com os seus projetos era uma oportunidade única e, por isso, devia focar-se nela, demonstrando gratidão àqueles que lha estavam a proporcionar: a tia Lídia e o senhor padre António. Como nunca tivera queda para a adulação, fazia-o de uma forma subtil, através da assistência regular à eucaristia, de telefonemas e visitas frequentes.

Dividida entre um trabalho de *part-time* numa cadeia de supermercados e os estudos, Helena seguia uma rotina agitada e madrugadora e, apesar do cansaço natural, sentia a palpação radiante da felicidade.

Os dias decorriam iguais. De tal forma que, estranhamente, Helena foi-se apercebendo da ocorrência frequente dos números seis e doze, ou doze e seis nas ocasiões mais díspares: conversas casuais que ouvia na rua, contas de clientes no supermercado, nas horas, nas matrículas dos carros... Mesmo o relógio, na madrugada que acordara do pesadelo, marcava as seis horas e doze minutos. Não tinha associado de imediato, mas aquela imagem nítida surgia-lhe, de cada vez que os números ocorriam.

Fosse na solidão do pequeno apartamento, na universidade ou no trabalho, Helena procurava manter tudo dentro de uma normalidade controlada, embora, por ser tão recorrente, aquela coincidência começasse a tornar-se demasiado inquietante. Contar o sucedido a alguém ia lançar suspeitas sobre as fragilidades que procurava esconder. Quiçá, julgá-la-iam

instável, incapaz de se adaptar às rotinas de uma grande cidade ou de abarcar as responsabilidades da vida adulta; porém, a verdade é que a jovem não tinha ninguém próximo com quem pudesse desabafar. Os seus pensamentos iam arquitetando razões que fundamentassem uma explicação sólida para a perturbação que a começava a assolar, mas todas elas se desmoronavam. No entanto, por motivos que desconhecia, no seu íntimo ecoava uma única certeza: o que quer que fosse estaria relacionado com o Cemitério dos Prazeres e com as amêndoas que lá havia encontrado.

*Mas desde quando sou supersticiosa?! Agoirenta?! Pareço as velhas da aldeia! Raios!* — pensou enraivecida; e, pegando em três amêndoas, partiu-lhes a casca e comeu-as, como se estivesse perante um desafio. De seguida, pegou nos apontamentos e encostou-se no sofá, a estudar. Passado poucos minutos, adormeceu.

*Oh, não, não faça isso! Por favor, senhor padre, imploro por Deus...* — gritava Sarah desesperada, esperneando com força. Com a mão sapuda de dedos grossos, o padre tapou-lhe a boca e imobilizou-a com o seu peso, deixando a descoberto um corpo alvo e gracioso. Abruptamente, a menina sentiu no seu sexo uma forte queimadura que, em segundos, se alastrava, dolorosa. Ainda que procurasse debater-se, a exaustão de uma luta desigual e o ar fétido que o jesuíta exalava da boca fizeram-na perder os sentidos. Atordoadá, só voltou a si ao ouvir uma espécie de uivo vindo do padre que, em seguida, se levantou em silêncio e, sem olhar para ela, ajeitou a batina negra e saiu apressado do gabinete.

Não se sabe quanto tempo Sarah ficou ali prostrada. Quando, por fim, se conseguiu sentar, apercebeu-se das manchas de sangue nas vestes interiores e as dores tornaram-se ainda mais vivas. Cobriu as pernas desnudas como pôde e escondeu o rosto entre os joelhos, abraçando-os como se abraçasse a sua mãe, recentemente falecida. Não sabendo o que

Nasceu em Lisboa e, desde cedo, decidiu que imaginar mundos era bem mais divertido do que somente habitá-los. Atualmente, quando não tem a mente a fervilhar de novas histórias, é engenheiro de *software*. Talvez por isso ainda tenha um fraquinho especial por ficção científica, género que explorou na sua estreia como autor com o conto “Ágape”, vencedor do prémio Ataegina 2021. Conta ainda com contos publicados na Fábrica do Terror e na Revista *Palavrar*, além de integrar a antologia *Almanaque Steampunk 2022*, da Editorial Divergência, as antologias *Des/Pudor* e *Desas/sossego*, da Edições Trebaruna.

CARLOS ALELUIA

# FLAGELO DE UM FANTASMA PASSADO

Carlos Aleluia

O soalho pobrementemente encerrado que lhe sustinha os pés na entrada da sala mal-iluminada rangia como se o tentasse alertar para escapar daquele local tenebroso antes que as trevas ali dormentes o engolissem e afogassem num mar de tormenta.

Gabriel Macedo ainda sentia as entranhas a praguejar por aceitar uma missão tão bizarra como esta. Depois de tantos anos a sofrer na pele as consequências da singular carreira por onde empreendeu — e que cedo na sua vida se tornou o seu único propósito —, ainda não tinha aprendido a subtil arte de fingir que não era nada consigo.

No interior da divisão, o doutor Frederico Duarte esperava por si. Conservava a postura solene, indiferente ao cadáver cujos pés arroxeados escapavam da fina cobertura azul que tapava a metade inferior da defunta. Vestia um fato de proteção branco que o cobria da cabeça aos pés. Apenas as mãos envoltas em luvas de látex azul claro e botas pretas de borracha se destacavam da alvura. Além, naturalmente,

do rosto que espreitava, atrás de uma viseira, por um círculo transparente na zona da face da indumentária.

— Doutor Macedo? — inquiriu, fixando os olhos verdes, por cima da máscara cirúrgica, no convidado.

— Certíssimo — respondeu, segurando entre o polegar e o indicador o seu cartão identificador, mergulhado na plastificada cápsula protetora, já de tal forma gasta e riscada que quase tornava irreconhecível o rosto por ela albergado. — Venho por parte do Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças. Estou a recolher informações sobre a SMLS.

A SMLS — sigla para o nome inglês *Selective Memory Loss Syndrome* — era a mais recente epidemia que se fazia sentir em diversos pontos do globo. Pouco se sabia da enfermidade além dos sintomas relatados, o que contribuía para o pânico generalizado que muitos governos se esforçavam por abafar. No contexto europeu, Portugal estava a ser um dos países mais afetados, o que motivou a viagem de trabalho de Macedo para observar, em primeira pessoa, os efeitos da doença.

O anatomopatologista anuiu, confirmando que estava ao corrente da situação.

— Tenho de admitir que, quando ouvi o seu nome pela primeira vez, fiquei na dúvida se teria de falar em inglês consigo ou não, tendo em conta que vem da Suécia — desabafou o doutor Duarte. — Mas folgo em saber que ainda temos portugueses emigrados a brilhar bem alto nos centros importantes além-fronteiras.

— Sim, é verdade — assentiu Gabriel, desconversando para se focar no tema em mãos. — Confirma-se o suicídio? — perguntou, gesticulando para o morto que tinham diante deles.

— Exato — atestou o médico, ocultando qualquer incómodo, caso este tivesse existido. — A causa de morte foi asfixia por enforcamento. — Apontou para as semicircunferências roxas em torno do pescoço. A mulher em causa apenas devia ter à volta de quarenta anos, mas exibia rugas mais acentuadas

do que a sua idade faria prever, tendo o rosto também marcado por umbrosas olheiras. — Entrámos em contacto com a Direção-Geral de Saúde por causa desta carta que foi encontrada junto ao corpo — continuou a explicar Frederico Duarte, afastando-se de Macedo para recuperar a dita resma de papel de uma mesa preta próxima. — Parece ser uma despedida, e está endereçada à filha. Até aqui tudo normal, perdoe-me a frieza.

— Estou a imaginar que a filha tenha decidido não ficar com uma lembrança tão mórbida da mãe.

— Infelizmente o assunto é um pouco mais delicado do que isso, doutor — comentou o anatomopatologista, balançando a cabeça de um lado para o outro. — Acontece que a filha morreu há mais de 10 anos.

Gabriel franziu o sobrolho e, colhendo o reduzido texto, leu-o para dentro:

*“Querida Ariel,*

*Não sei como começar esta carta. Ainda há pouco tempo te tinha comigo nos meus braços e agora encontro-me perdida nesta perversa dimensão em que me deixaste há mais de uma década. Recordo-me, como se fosse ontem, do dia em que todos dizem que morreste. Era o teu dia de anos, e, antes de te despachares para a festa de aniversário com os teus colegas, foste passear a Mel mais cedo do que costume. Lembro-me porque, ao ver-te sair de casa, tive um mau pressentimento, e não resisti a acompanhar-te em vez de ficar no sofá a acabar de ver aquela série que adorava.*

*Por isso é que eu sei tão bem que não morreste. Porque eu estava lá! E porque trago comigo lembranças de todos os anos depois desse dia. Os bons e os maus momentos. Quando acabaste o liceu e eu não parava de te tirar fotos para emoldurar; quando chegaste a casa a chorar por causa do teu primeiro desgosto amoroso; quando já ninguém te podia aturar, tão contente que estavas por teres finalmente terminado o curso de Medicina.*

*Percebes agora porque é que não consegui acreditar, naquela fatídica segunda-feira de há duas semanas, quando acordei e não estavas em lado algum, e todos à minha volta me diziam que tinhas partido há tantos anos, atropelada nesse trágico passeio? Nem quando vi a tua certidão de óbito, assinada por mim mesma. Como posso aceitar se eu estava lá quando o carro passou na nossa rua a acelerar e fui eu própria quem te agarrou o braço para que não atravessasses a estrada? Recuso-me a acreditar! Recuso-me a viver neste mundo em que me abandonaste. Eu sei que estarás algures à minha espera, e eu à tua.*

*Para sempre contigo, meu amor,  
Mamã"*

\*\*\*

— Ah — soltou o velho de calvície avançada e bigode descolorido, marcando na face ainda maior desânimo do que o exibido ao abrir a porta. — Entre — disse, sem qualquer sugestão na voz, limitando-se a desentupir a entrada e a afastar-se de Gabriel Macedo.

Os sapatos de vela que lhe envolviam os passos pareciam irritar solenemente o chão envelhecido daquela habitação, que anunciava cada movimento seu com um misto de guinchos e tinidos. A casa do senhor Eustáquio era tão pequena quanto escura: do lado direito da entrada brotava um estreito corredor cujo final estava oculto por negrume, e, em frente à entrada, desembocava uma cozinha cuja única fonte luminosa era uma pequena janela basculante de vidros que quase aparentavam estar tingidos de cinza dada a sua sujidade. As paredes eram feitas de madeira escura, o que não contribuía para a hospitalidade da residência. À medida que seguia as passadas do velho — bastante mais idoso do que Macedo antecipara, principalmente tendo em conta os relatórios que lera do caso durante o caminho de carro até ali —, confirmou a presença de uma pulseira eletrónica em redor do tornozelo esquerdo do seu anfitrião.

— Já não têm de usar aqueles fatos *xispeteó* de proteção?  
— inquiriu o velho assim que interrompeu o passo.

— Não, ao que parece esta semana cientistas de diferentes centros de investigação pelo mundo concluíram que a SMLS não se transmite por meio de gotículas, ou por vias respiratórias, de todo — explicou o médico, antes de se questionar durante meio segundo se o seu interlocutor realmente queria saber tantos detalhes quanto havia fornecido.

— Hum... — foi o comentário emitido pelo hospedeiro enquanto assentia com a cabeça. — E então, o que quer saber acerca do que se passou? — perguntou, encostando-se à bancada da cozinha.

— Gostava que começasse pelo início de tudo: quando é que começou a ter as lembranças falsas? — Gabriel procurou onde se posicionar, mas, fruto da carência de mobília à sua volta, acabou apenas por se manter de pé, de forma constrangida, no centro da divisão. Puxou a caneta e o caderno de notas da algibeira do casaco para escrevinhar tudo o que achasse útil.

— Foi tão súbito quanto o Sol raiar. Um dia despertei e estava aqui, em vez de estar em minha casa.

— Alguma coisa fora do comum que se lembre dos dias anteriores?

— Nada que me venha à mente... Lembro-me que andava a ter uns pesadelos bizarros, mas nada que pudesse explicar o que aí vinha.

— Certo — anuiu enquanto começou a guardar registo da conversa. — Portanto, nessa manhã, não reconheceu o quarto onde acordou? — o senhor Eustáquio abanou a cabeça, pelo que Gabriel prosseguiu. — E tão pouco conheceu a sua esposa, que estava a dormir ao seu lado?

— Exato — confirmou o velho, fitando o solo como se se encontrasse em penitência.

Escutada a resposta, continuou a tirar notas, prosseguindo o questionário sem erguer o olhar para o seu anfitrião.

— E quando abandonou o quarto, não reconheceu o resto do seu apartamento, a sua filha? — tentou tocar no assunto do modo mais delicado que pôde.

— Sei perfeitamente o que deve estar a pensar. A mulher ainda vá que não vá, agora o próprio sangue... Um tipo não reconhecer a filha fá-lo imediatamente escória do pior tipo.

— De modo algum — assegurou o médico. — Só quero tentar compreender melhor o que lhe sucedeu. — Fez uma reduzida pausa. — Pelos relatórios a que tive acesso, tinha ideia de estar casado com outra mulher, correto?

— Sim, com a Larissa...

— Conte-me mais acerca dessa relação, por favor.

— Conhecemo-nos no liceu. Ainda ficámos amigos por uns tempos, mas não demorou muito até o que sentíamos um pelo outro se desenvolver em algo mais. Soube logo que era o amor da minha vida. E estava certo. — O senhor Eustáquio limpou a garganta, deixando transparecer a emoção. — Eu ainda me recordo do calor convidativo dos seus braços quando nos enroscávamo-nos debaixo de uma manta a ver televisão, do brilho no seu olhar quando nos mudámos para a nossa casa no campo, do sorriso no seu rosto quando me viu segurar pela primeira vez ao colo os filhos gémeos que tivemos juntos...

— O velho deixou de ser capaz de conter as lágrimas que se escondiam aos cantos dos olhos e concedeu que estas lhe escorressem pelos sulcos da face. — Como é possível esquecer isso tudo e aceitar a minha vida ao lado de uma mulher da qual não tenho memórias? Por muito que eu quisesse, como é que posso deixar para trás tudo o que me definiu e desistir da existência que construí?

— Lamento imenso — pronunciou-se Gabriel, fechando o caderno e pondo-o de lado, subjugado pelo momento emotivo. — Foi por esse motivo que tentou falar com ela quando estas falsas memórias o afligiram?

— Eu precisava de a ver com os meus próprios olhos... Mas ela só se lembrava de mim do tempo em que éramos pouco

mais que crianças. Contou-me que eu também tinha sido o seu primeiro amor, mas que eu a tinha traído e que a partir daí jurou que nunca mais me tinha querido ver à frente. Ainda me mostrou como estava casada e feliz. É claro que eu não conseguia acreditar e insisti tanto com ela, tendo aparecido à sua porta durante dias a fio, que teve de chamar a polícia. — Ergueu brevemente o pé esquerdo de modo a destacar a pulseira eletrônica. — Escusado será dizer-lhe que, quando a minha suposta esposa, a Júlia, soube do sucedido, deixou-me. Fugiu com a nossa filha para casa dos avós. Agora estou aqui, abandonado, vítima de uma partida da minha mente que me deixará miserável para sempre.

— Ainda estamos a tentar perceber as causas desta terrível síndrome, senhor Eustáquio. Pode ser que um dia recupere as suas verdadeiras memórias e perca as falsas.

— Isso é o pior de tudo, doutor. — Baixou os olhos, como se sentisse vergonha do que ia dizer. — Eu não me quero esquecer de nada. Prefiro ficar nesta tormenta até ao fim dos meus dias do que deixar de me lembrar do amor que partilhámos. Não sei o que raio me passou pela cabeça para ter traído a Larissa há tantos anos, mas esse foi o maior erro da minha vida.

\*\*\*

Por muito que se esforçasse para que o seu modesto guarda-chuva o resguardasse do vendaval de chuva que o atacava, Gabriel estava cada vez mais ensopado. Encontrava-se no telhado de um prédio residencial excepcionalmente alto, o que provocara um despertar do seu medo de alturas. Poças de água acumulavam-se pelo chão e dispunham-se como um campo minado que o médico tinha de atravessar até chegar ao seu destino.

A cerca de cinco metros encontrava-se outro homem, de costas para Gabriel e voltado de frente para o precipício. Estava

Dulcineia Dias divide o seu tempo entre estratégias de marketing, números e palavras. Fascinada por histórias de amor e fantasia desde cedo, começou a escrever ainda no ensino secundário, onde foi reconhecida pela primeira vez. Hoje dedica-se a criar romances em mundos de fantasia, depois de dias passados a analisar dados.

**DULCINEIA DIAS**

# REENCONTROS DE MEMORIAS

Dulcincia Dias

Encostei o ombro à porta de um dos cubículos da casa de banho. Toquei na testa. Estava outra vez no maldito bar dos polícias. Só podia significar que estava bêbado, ou isso ou que era um idiota. Provavelmente ambos, pois apenas um idiota bêbado, cuja profissão era assaltar lojas, escolheria frequentar um bar de polícias nos tempos livres. Suspirei.

Endireitei-me e, de olhos fechados, inspirei fundo. O lobo em mim contorceu-se, desconfortável com o meu humor e com a sensação de aperto que me contraía o peito. Ele queria sair. Por norma, controlá-lo nestas noites era fácil. Quem disse que a idade trazia experiência não podia ter sido um lobisomem ou ter conhecido um. Mais idade não significava mais autocontrolo, mas alguma bebida ajudava a relaxar o animal. O meu velhote que o diga. *Paz ao pobre rafeiro*. Espero viver mais que ele.

Com uma mão nos azulejos, que ia além de apoio psicológico, consegui aliviar-me no urinol. A música baixa ressoava pela porta. A parca clientela tornava-o no bar mais

calmo do quarteirão, a falta de fundos mantinha as colunas reles ligadas. Hoje, palmas e assobios sobrepunham-se de forma irregular à música. Escolhi o dia errado para vir, o ambiente estava horrível, tomado por uma festa: um qualquer chulo de fato celebrava a reforma.

*Bom para ele! Menos um para me incomodar nos assaltos. Bem se podiam reformar todos* — um rosnado leve fugiu-me da garganta. Procurei outra presença, como se alguém conseguisse passar por mim sem que eu o escutasse. Azulejos, burburinhos de conversas e músicas dos anos 80 eram a minha única companhia. Relaxei, estava sozinho.

Um soluço escapou-me quando forcei o fecho da braguilha a subir.

Frente ao espelho passei as mãos lavadas pelo cabelo. Ignorei o reflexo, estar aqui junto dos polícias fazia-me pensar ainda mais no miúdo morto. *Existiria álcool suficiente que me fizesse esquecer?* A bebedeira de whisky barato, o único que conseguia pagar com o salário roubado, martelava-me a cabeça. O meu lobo, por norma já adormecido por esta altura, agitava-se no meu peito. Uma sensação de peso no fundo da garganta, nem sei se minha ou dele, remexeu-me. Não me bastavam os pequenos assaltos que traziam mais dores de cabeça que lucro; ou os meses que já se haviam passado desde que partilhei lençóis com alguém divertido, agora também o meu lobo estava contra mim. O meu humor piorava de lua para lua. Toda a minha vida era o cocktail perfeito: nojento, quente e demasiado ácido.

Caminhei com a precisão que apenas o meu lado animal permitia. Aterrei no meu banco ao balcão, o mais afastado do grupo. A *barmaid* avaliou-me os movimentos de olhos semicerrados. Já nos tínhamos visto antes, era claro que não pertencia ao circo de camisas aos quadrados e calças de ganga azuis, o aparente segundo uniforme dos chulos. Vesti a roupa do costume, preta, hoje com uma t-shirt demasiado fina para uma noite fresca cujo cheiro adivinhava chuva. Em suma,

a minha roupa de trabalho. Um dos cantos da boca fugiu-me, arqueando-se num sorriso.

Brinquei com a pulseira de pedras e avaliei a grupeta. A maioria homens, alguns na casa dos 60, outros apenas um pouco mais novos, poucas mulheres entre eles. O reformado, o único de *blazer*, sorria amável, teso, desconfortável. O pobre coitado era o tipo de homem que não gostava de atenção — *Brindo a ti, amigo, nem eu.*

— Outro whisky JB — pedi à empregada, quando notei que ela não ia fazer o seu maldito trabalho.

— Claro.

O tom leve escondia mal a frustração, ainda assim, o seu rabo-de-cavalo movia-se ao ritmo da música que, com certeza, surgira uns bons 40 anos antes dela nascer.

Segurei o novo copo e rodei o gelo. Concentrei-me no som tilintante das pedras e as suas fúteis pancadas contra o vidro. Relaxei com o som delicado. A música, conversas, o barulho do autoclismo partido da casa de banho das senhoras, dos brindes e até o barulho da chuva que começava a cair tornou-se distante. Limitei-me a observar o grupo pelo espelho do bar.

Um polícia jovem, acanhado, de cabelos claros dirigiu-se ao balcão. Aos soluços pediu uma cerveja. Ri para o copo.

*Como podia segurar uma arma se nem tinha confiança para falar com uma mulher?*

Um calafrio perturbou-nos quando a imagem do polícia de mãos trémulas se materializou na minha mente. Toquei o peito acelerado, numa tentativa de descansar o meu lobo. A culpa familiar alojava-se nos meus ossos.

Era por isso que vinha cá parar mais vezes do que queria ou devia. O peso na consciência era mais forte que estar entre a lei. Olhei o líquido no copo, as perguntas do costume assolaram-me, o lobo ajeitou-se no desconforto, ainda alerta. O que podia ser além de um criminoso, que outra solução tinha? Poucos na matilha conseguiam seguir alguém que não o nosso Alfa. Além disso, a vida deu-me péssimas cartas;